

A AGENDA DA DIVERSIDADE NA CULTURA POP: O APELO FEMINISTA DAS SÉRIES SUPERGIRL E AGENTE CARTER

Ana Caroline Maciel Szezecinski,
Gabriela Ramos de Almeida
e Ulbra

Introdução

A ampla circulação, nos últimos quinze anos, de discursos em favor de grupos minoritários nas mídias, como LGBTs, pessoas negras e mulheres, popularizou discussões sobre feminismo, racismo e LGBTfobia e tornou mais acessíveis a públicos bastante diversos informações sobre as lutas por direitos e reconhecimento destes grupos. A centralidade das mídias neste processo ultrapassa o seu papel de ambiente de veiculação destas disputas - na forma, por exemplo, de notícias publicadas ou da consolidação da internet como lugar para expressão e afirmação identitária de sujeitos vinculados a grupos minoritários - transformando a própria produção simbólica que delas se origina em espaço de demanda por diversidade e qualidade nas representações produzidas.

Objetivos

Este trabalho se insere neste debate visando discutir a construção da trama de duas séries televisivas contemporâneas que foram lançadas em 2015 e possuem protagonistas mulheres oriundas de histórias em quadrinhos: *Supergirl* (DC Comics/CBS) e *Agente Carter* (Marvel Comics/ABC). Parte-se do pressuposto de que ambas as obras respondem a uma demanda por diversidade na cultura da mídia que é própria do tempo presente, respondendo principalmente ao público feminino e à terceira onda do feminismo.

Metodologia ou Material e Métodos

O trabalho parte de metodologia qualitativa, baseada em análise documental. Após o processo de assistir às séries, foram selecionados alguns trechos a partir do critério principal de diálogo com a proposta da pesquisa. Optou-se por trabalhar com os episódios piloto de cada série, por serem os momentos de apresentação das personagens, da situação dramática da narrativa, dos espaços e momentos históricos em que as histórias se passam. Destes pilotos, foram selecionadas algumas sequências ilustrativas à discussão pretendida, que foram analisadas num cruzamento entre o referencial teórico dos estudos de mídia (especialmente KELLNER, 2001 e CANCLINI, 2010) e o método de análise fílmica proposto por Vanoye e Goliot-Lété (2008).

Conclusões parciais

Ainda que o caminho feito até agora seja bastante inicial, foi possível confirmar a impressão que deu origem ao trabalho, de que existe um apelo feminista em ambas as séries. Em *Supergirl*, tem-se um discurso que fala na sutileza do dia-a-dia, numa batalha mais amena que a apresentada em *Agente Carter*, que muitas vezes é ridicularizada e taxada de incapaz pelos colegas pelo simples fato de ser mulher. Lembrando que a contextualização dos seriados é de extrema importância: *Supergirl* se passa em 2015 e *Agente Carter* em 1946.

Referências bibliográficas

- CANCLINI, N. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
JOST, F. Do que as séries americanas são sintoma?. São Paulo: Sulina, 2012.
KELLNER, D. A Cultura da Mídia. São Paulo: Edusc, 2001.
MUNGIOLI, M; PELEGRINI, C. Narrativas Complexas na Ficção Televisiva. In: Revista Contracampo, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 21-37. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/308/263>. Acesso em 10/06/2017).
PALLOTINI, R. Dramaturgia: A Construção do Personagem. São Paulo: Ática, 1989
VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

ana.szec@gmail.com